

# *O SPANGLISH NOS EUA:* **IDENTIDADES EM (RE)CONSTRUÇÃO**

*Thábata Christina Gomes de Lima*

*Doutoranda*

*Orientador: Dr. Xoán Carlos Lagares Diez*

## **Introdução**

Apesar de a língua inglesa ser a língua majoritária nos EUA, segundo o *U. S. Census Bureau* (2011), praticamente, 21% de toda a população norte-americana fala outra língua “em casa”. Das principais línguas “minoritárias”, o espanhol ocupa a posição de idioma “estrangeiro” mais falado naquele território. (RYAN, 2013, p. 2)

Foram diversos os fatores que “incentivaram” a presença da “língua de Cervantes” na “Terra do Tio Sam”, desde o Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, até as frequentes imigrações.

Devido ao contato constante entre o inglês e o espanhol nas comunidades estadunidenses, novas configurações dialetais surgiram, culminando no surgimento e/ou crescimento de um fenômeno linguístico e cultural muito discutido e polemizado: o *Spanglish*.

A situação dos hispano-falantes nos EUA é bem complexa. Ocupando, em geral, posições à margem da sociedade estadunidense, muitos hispanos são alvos de preconceitos e discriminações. Além de serem “obrigados” a utilizar, em diversas situações, o inglês em detrimento do espanhol, eles são pressionados, constantemente, a adaptarem-se a “*American way of life*”.

---

Mas, nem todos os hispano-falantes aceitam essa “aculturação”<sup>1</sup> e procuram, com isso, encontrar novos meios de preservar suas características e/ou manifestar a “dupla realidade” em que estão vivendo:

Este grupo, a que pejorativamente os anglo-saxões costumam chamar “chicanos”, não apenas mantém suas particularidades culturais senão que segue cultivando-as através de uma produção cultural autóctone que, ainda que latina, manifesta rasgos distintos das demais culturas hispânicas. (PITA, *página web*, 2000, tradução nossa)

Dessa maneira, alguns hispanos nos EUA apresentam uma característica muito peculiar, que os distingue dos demais grupos de hispano-falantes. Essa produção cultural autóctone reforça os ideais de preservação de identidade cultural hispana.

Para Betti (2009:110-113), o *Spanglish* pode representar um desses instrumentos no qual os hispanos percebem seu “mundo” e constroem a sua identidade “mestiça”. Este fenômeno, então, seria uma maneira de alguns hispano-falantes reconhecerem que estão em um “espaço intermediário”: não se classificam apenas como “hispanos”, mas nunca serão totalmente “norte-americanos”.

Considerando que as identidades não são imutáveis, fixas ou homogêneas, podemos acreditar que o uso do *Spanglish* nos EUA constitui-se em uma das maneiras de os hispanos (re)construírem suas identidades. Mediante o contato com dois “mundos” distintos, muitos hispanos encontraram nesse fenômeno uma oportunidade para reafirmar e manifestar suas identidades mestiças.

Será sobre este fenômeno e a importância que representa na (re)construção das identidades de muitos hispano-falantes nos EUA que refletiremos ao longo deste artigo.

## **O *Spanglish* nos EUA**

O *Spanglish* é um fenômeno que vem gerando muitos debates nos últimos anos. Há uma grande discussão se o seu uso representa ou não um “desconhecimento” das línguas envolvidas e se ele poderá, um dia, chegar a substituir a língua espanhola nos EUA.

---

<sup>1</sup> De acordo com Lemogodeucet al (2002:324, tradução nossa), podemos entender por aculturação “a imposição de uma cultura sobre outra ou [...] a penetração de certas regras e elementos de cultura próprios do grupo dominante, que são adotados pelo grupo dominado em detrimento de seus próprios valores (estes valores vão-se modificando e terminam por desaparecer)”. Dessa forma, uma maneira de o hispano-falante “aculturar-se” ao “estilo” de vida norte-americano consistiria no abandono de sua língua materna em prol da língua inglesa.

---

Além disso, há vários estudos sobre o que vem a ser este fenômeno e em relação as suas características principais. Entretanto, pouco se tem pesquisado sobre a sua importância para a comunidade hispano-falante e o que tem levado as pessoas a utilizá-lo.

De acordo com Betti (2009:110), o *Spanglish* não é apenas uma modalidade de expressão, mas corresponde a uma maneira de viver, de expressar a hibridação e o multiculturalismo que representa a muitos hispanos nos Estados Unidos. Seu uso estaria associado, portanto, a questões culturais e identitárias.

Antes, porém, de tratarmos deste fenômeno, torna-se necessário abordar um pouco da história do espanhol nos EUA e de suas características principais.

## **O espanhol nos EUA**

A “entrada” da língua espanhola nos Estados Unidos ocorreu de diversas maneiras, sendo que os motivos históricos têm grande relevância. Com a colonização espanhola do século XVI, inicia-se uma expansão às terras norte-americanas. Antes mesmo da formação do que hoje conhecemos como EUA, a língua espanhola adentrou-se por aqueles territórios.

Antonio Torres Torres (2010:406, tradução nossa) relata que, em 1845, os Estados Unidos anexam a República de Texas e, com o Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, cerca de 80.000 cidadãos mexicanos “entraram na órbita anglo-saxônica, em um contexto de relação forçada e às vezes incômoda com um emaranhado de instituições legais e políticas que não entendiam. Converteram-se em ‘imigrantes na sua própria terra’”. Através deste Tratado, a nação norte-americana conseguiu tomar posse de uma grande parcela do território mexicano. Partes dos estados que hoje conhecemos como Texas, Califórnia, Nevada, Utah, Arizona, Novo México e Colorado, pertenciam aos domínios mexicanos e foram “vendidos” aos EUA, mediante este “acordo”.

Dessa maneira, houve um choque cultural muito grande, em que a população, de um momento para outro, foi obrigada a apreender o inglês como idioma “oficial” e proibida, em determinadas situações, como em órgãos governamentais, por exemplo, de utilizar sua língua materna. (SILVA-CORVALÁN, 2000, p. 1)

Mas não foi apenas o Tratado de Guadalupe Hidalgo que influenciou a expansão da língua espanhola nos EUA. Silva-Corvalán (2000) reconhece que:

Durante o século XX as Terras Fronteiriças Espanholas foram rehispanizadas devido à imigração e o espanhol colonial está dando passo às

---

variedades traídas pelos imigrantes. O persistente empobrecimento econômico seguiu enviando milhões de cidadãos mexicanos principalmente de áreas rurais através da fronteira norte. Eles constituem o grupo mais numeroso entre os imigrantes de origem hispânica nos Estados Unidos. Assim mesmo, milhares de indivíduos da América Central e do Sul e da Espanha, motivados por fatores de tipo político e econômico, emigraram aos Estados Unidos. Califórnia, Los Angeles em particular, foi eleita como o destino preferido dos refugiados políticos procedentes da América Central. Estes imigrantes trouxeram consigo muitos dialetos diferentes do espanhol, mas as variedades dominantes seguem sendo sem dúvida as mexicanas, que representam formas variadas de falar o espanhol que abarcam desde o rural ao urbano, do norte de México a lugares tão ao sul da fronteira como Puebla e Oaxaca, e de dialetos não padrões a padrões. (SILVA-CORVALÁN, 2000, p. 3, tradução nossa)

Assim, com o aumento da imigração, novas variedades de língua espanhola começaram a propagar-se em solo norte-americano. Provenientes de distintos países e difundindo diversas modalidades de fala, os imigrantes passaram a conviver tanto com as diferentes variedades de língua espanhola, quanto com as variedades de língua inglesa. E isto trouxe consequências para ambos os idiomas em questão.

Como as origens dos hispano-falantes são diversas, as variedades de língua espanhola também apresentam muitas divergências entre si. E o contato constante com a língua inglesa e com as demais línguas faladas naquele país contribui para o surgimento de configurações dialetais próprias das situações de bilinguismo e de multilinguismo.

Segundo Torres Torres (2006):

A variação do espanhol alcança níveis extraordinários nos Estados Unidos, com uma preponderância de modalidades mexicanas no sudoeste – que recebem o aporte de numerosos centro-americanos, sobretudo em Los Angeles –, de modalidades caribenhas em Nova York – aonde aos porto-riquenhos se soma uma crescente comunidade de imigrantes dominicanos, e também de Colômbia, Peru, Venezuela e Argentina, entre outras procedências –, de modalidades cubanas na Flórida – às que se acrescentam as de imigrantes da América Central e do Sul –, e com a presença de dois grandes grupos, mexicanos e porto-riquenhos – em maior grau dos primeiros – em Chicago. (TORRES TORRES, 2006, p.303, tradução nossa)

Desta maneira, há estados e cidades com predominância de determinadas variedades de língua espanhola, porém, nestes mesmos lugares, a língua varia devido a fatores como influência de outros idiomas, nível de escolarização dos falantes, grau de formalidade da situação, entre outros.

Torres Torres (2006:301) relata que há dois extremos linguísticos dentro da população “hispânica”: de um lado, aqueles que só falam espanhol e, de outro, aqueles que só

---

falam inglês. No meio disso, há os bilíngues, que vão do espanhol ao inglês, com distintos níveis de domínio das línguas em questão.

Isso tem muita relação com o tempo em que esses falantes residem nos Estados Unidos. Os falantes de primeira geração, em geral, possuem o espanhol como língua materna, e o utilizam constantemente, salvo em situações em que o inglês é estritamente necessário. Os de segunda geração, frequentemente, se utilizam de ambas as línguas, sendo que o espanhol é considerado a “língua do lar, da família”, enquanto o inglês é visto como “língua dos negócios, dos estudos”. Já os falantes de terceira geração são tomados por aqueles indivíduos que, apesar de terem ascendência “hispanica”, são alfabetizados em inglês e o utilizam como língua materna. O espanhol só é usado para conversarem com algum familiar, em raras situações.

O aumento do uso do inglês entre os hispanos deve-se a diversos fatores. Para conseguirem melhores condições, seja na escola ou no trabalho, é necessário que tenham conhecimentos e domínio da língua de prestígio daquele país. Além disso, ainda há um grande preconceito em torno ao falante de língua espanhola. Logo,

A vontade de integrar-se na nova sociedade e a falta de um projeto político comum que os aglutine leva a que em muitas ocasiões atendam mais às necessidades imediatas de comunicação que ao manejo de um espanhol sem “impurezas”, ainda que a preocupação pelo código linguístico dependa em grande medida da atitude dos pais, que, umas vezes, preferem que seus filhos falem em inglês para que não sofram problemas de integração, enquanto outras lhes inculcam a necessidade de manejar o espanhol também, e um espanhol sem interferências. (TORRES TORRES, 2006, p. 303, tradução nossa)

Com o objetivo de adaptarem-se melhor e mais facilmente, muitas pessoas recorrem à aprendizagem da língua inglesa. Isso é ainda mais comum em relação aos filhos de imigrantes. Só que esta imersão em culturas e em uma ou mais línguas desconhecidas pode trazer como resultado profundas interferências no uso da língua materna. Assim, surgem fenômenos conhecidos como “mudança/alternância de códigos”, “mistura de códigos”, “interferência linguística”, em que o inglês e o espanhol são utilizados simultaneamente; muitas vezes em uma mesma frase há a presença de palavras e/ou estruturas de ambos os idiomas.

Betti (2009:13) afirma que, como resultado disso, as gerações seguintes de mexicano-americanos (*chicanos*) começaram a utilizar palavras inglesas com a pronúncia ou a fonética espanhola. Esta “mistura” de ambas as línguas tornou-se conhecida como *Spanglish*, um

---

fenômeno linguístico e cultural que vem avançando nos Estados Unidos e trazendo consigo diversas polêmicas.

### **A importância do *Spanglish* nos EUA**

De acordo com Garrido (2008:27), é muito frequente mencionar o *Spanglish* ao se falar em espanhol nos Estados Unidos. Defini-lo, entretanto, não é uma tarefa fácil. Há quem o considere como uma simples adaptação e evolução das línguas em contato. Outros o veem como uma tentativa falha de os “chicanos” utilizarem o inglês como segunda língua.

A verdade é que ainda há uma grande discussão sobre o que vem a ser este fenômeno: nova língua, gíria, língua crioula, dialeto, interlíngua e outros mais. Devido à diversidade de situações que o envolvem e às variadas perspectivas de análise, fica praticamente impossível atribuir-lhe uma única definição.

Assim, muito se tem falado sobre as suas características e sobre as consequências que ele pode trazer às línguas envolvidas. A sua importância para a comunidade chicana, entretanto, tem sido pouco estudada. São poucos os pesquisadores que têm buscado compreender o valor que o *Spanglish* possui para os hispano-falantes, de um modo geral. Entre eles podemos citar: Ilan Stavans, Carmén Silva-Corvalán e Teresa Fernández-Ulloa, por exemplo.

Estes autores compreendem que este fenômeno linguístico não representa apenas um modo de falar “diferente”, mas que expressa a diversidade linguística e cultural em que estão inseridos os hispano-falantes nos Estados Unidos da América.

Para isso, deve-se levar em consideração os falantes que, mesmo “dominando” os dois idiomas, optam por utilizar a alternância e/ou a mistura de códigos, característicos deste fenômeno.

Segundo Valle (2011):

A alternância de códigos e a adoção de neologismos pode efetivamente dever-se a um desconhecimento ou a um conhecimento parcial das variedades padronizadas de ambas as línguas. Porém ainda nestes casos, o potencial expressivo do indivíduo que assim fala e sua capacidade para o uso eloquente da linguagem não são limitados; desde logo, não mais limitados que a expressividade e a eloquência de um monolíngua, por mais padronizada que seja sua variedade. Mas o caso é que muitos indivíduos plurilíngues utilizam o intercâmbio de códigos (consciente o inconscientemente) como um recurso comunicativo, como um mecanismo de interação, e não como solução circunstancial a uma suposta deficiência

---

linguística que de fato não padecem. **Em outras palavras, há pessoas que, ainda dominando ambas as línguas, optam em certas situações e contextos pelas práticas de contato.** (VALLE, 2011, p. 576, grifo nosso/tradução nossa)

Desta maneira, o *Spanglish* vem a ser utilizado, em grande parte, por pessoas que poderiam escolher falar tanto inglês quanto espanhol no dia a dia, mas que preferem utilizar a “mistura” de ambos, por motivos diversos, entre eles, estilo, intenção comunicativa, e outros mais. Antes, porém, de nos aprofundarmos neste assunto, precisamos realizar uma breve discussão sobre os principais questionamentos que podem surgir ao tratarmos de IDENTIDADE(S).

### **Identidade(s) em discussão**

De acordo com Kiesling (2013:450), a identidade é um estado ou processo de relacionamento entre eu e o outro; é como os indivíduos definem, criam, ou pensam em si em termos de seus relacionamentos com outros indivíduos e grupos.

Para Silva (2014):

A identidade é simplesmente aquilo que se é [...]. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. (SILVA, 2014, p. 74)

A identidade é vista, então, como algo que define o que o sujeito é. Assim, de certa forma, aquilo que o indivíduo é, como ele se comporta, demonstra a(s) identidade(s) adotada(s).

Segundo Hall (2014),

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do Outro e que assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, 2014, p. 112)

As identidades são concebidas, portanto, como as diferentes posições que o “sujeito” deve assumir, levando-se em consideração que se tratam de representações sobre si e o outro.

---

Hall (2014) salienta que:

[...] as identidades não são nunca unificadas; [...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; [...] elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2014, p. 108)

As identidades são fragmentadas e construídas ao longo dos percursos que o sujeito realizar. São múltiplas e podem estabelecer cruzamentos entre si. Woodward (2014) acrescenta que:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. (WOODWARD, 2014, p. 32)

Dessa maneira, no mundo (pós)moderno, torna-se praticamente inviável falar em *identidade*, no sentido de algo único, singular. Se estamos em constante interação e realizamos contatos com inúmeras pessoas, o mais lógico seria pensarmos em *identidades*, diversificadas e plurais, pois vivemos um frequente conflito entre o que fomos, o que somos e o que queremos ou devemos ser.

Portanto,

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. **Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade.** Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. (SILVA, 2014, p. 83, grifo nosso)

O processo pelo qual uma determinada identidade é fixada como *a identidade* é, ao mesmo tempo, um processo de seleção e de exclusão, pois toda “padronização” e/ou “normatização” é classificatória e excludente. Assim como a escolha por uma única variedade

---

linguística como a variedade “padrão” acarreta diversos preconceitos em torno às demais excluídas (BAGNO, 2011), a determinação de uma única identidade para um indivíduo e/ou um determinado grupo em questão faz com que as outras identidades sejam vistas como “erradas”, “estranhas” e, em certos casos, “anormais”.

Segundo Rajagopalan (2003):

Entre os pesquisadores que se interessam pela questão da identidade, já não há mais quem, em sã consciência, acredite que as identidades se apresentam como prontas e acabadas. Pelo contrário, **acredita-se em larga escala, que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente.** Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71, grifo nosso)

Assim, as identidades linguísticas são construídas mediante a oposição e a diferença. Elas não são fixas, definidas ou acabadas. São formadas e reformadas mediante a situação em que os indivíduos se encontrem. Bauman (2005) esclarece que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastantes negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

As identidades podem ser (re)negociadas. A decisão de manter-se “fiel” ou não a determinada “característica” caberá, a *princípio*, ao próprio indivíduo. Além disso:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Dessa forma, à medida que somos confrontados com as situações do dia a dia, somos confrontados com as nossas próprias identidades, que podem ser questionadas e, em algumas situações, reformuladas. Logo, “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria

---

escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN, 2005, p. 19)

As identidades não são reconstruídas apenas pela livre vontade das pessoas. Em muitas situações, elas podem ser impostas a determinados grupos e, como resultados, podem surgir inúmeras dúvidas: “*Quem somos?*”, “*De onde viemos?*”, “*Para onde vamos?*”. É no meio dos conflitos identitários que as pessoas decidem se continuam ou não a manifestar características da identidade em questão; se vale ou não a pena lutar pela preservação de sua(s) identidade(s).

Por isso,

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (HALL, 2006, p. 38)

Por mais que o indivíduo busque, a cada dia, construir a *sua* identidade, ela jamais estará completa, acabada, e sim em constante processo e/ou formação.

### **O *Spanglish* como fator de identidade cultural**

Valle (2011) reconhece a identidade cultural como:

[...] a consciência de pertencer a uma identidade coletiva constituída por indivíduos que de algum modo são similares por compartilharem certos valores e pactos de conduta. Esta consciência se forma e se mantém por meio de uma série de instituições culturais e políticas e por meio da participação em atos de lealdade até os símbolos que representam a comunidade em questão. (VALLE, 2011, p. 581, tradução nossa)

A identidade cultural seria essa consciência de pertencer a uma identidade coletiva, ou seja, de compartilhar com um determinado grupo certos valores, atitudes e características. A língua, entre outros fatores, é uma destas características compartilhadas. Quando um indivíduo resolve expressar-se em determinada língua e/ou variedade está transmitindo aspectos de sua identidade. Quando aceita ou nega o prestígio de uma língua e/ou variedade está assumindo uma posição ideológica.

De acordo com Rovira (2008):

---

[...] a identidade cultural abrange tudo o que se relaciona à pessoa, a seu sentido de pertença, a seu sistema de crenças, a seus sentimentos de valor pessoal. É a soma total dos modos de vida forjados por um grupo de seres humanos e transmitidos de geração em geração. A identidade cultural sou eu, e tenho o direito de conhecê-la e entendê-la. E, ao dar-me conta de quem sou, é provável que minha conduta manifeste traços positivos de identidade. (ROVIRA, 2008, p.3)

A identidade cultural estaria interligada a tudo que se relaciona ao(s) indivíduo(s) em questão: valores, crenças, sentimentos, ideologias. Ao mesmo tempo em que se define por seu caráter “individual”, remete ao coletivo, ao grupo envolvido, pois esses valores e sentimentos, assim como essas crenças e ideologias, são transmitidos de geração em geração, constituindo espécies de “traços identitários compartilhados”.

Betti (2009:110, tradução nossa) esclarece que “a identidade cultural se desenvolve em relação com os outros. Aos hispanos poderem comunicar-se em inglês e em espanhol lhes permite ter contato com duas culturas e dois mundos diferentes [...]”. É na relação com o Outro que se pode definir a própria identidade, o próprio Eu.

A identidade dos hispanos nos EUA é construída mediante a relação que se estabelece entre esses dois mundos diferentes. É no contraste, na oposição, que se pode identificar aquilo que torna os indivíduos semelhantes a ponto de formarem parte de um coletivo (comunidade) com identidade própria.

As identidades são redefinidas de acordo com a situação em que os indivíduos se encontram. De acordo com o passar dos anos, os grupos hispanos nos EUA começaram a se “adaptar” e a se “adequar” às novas circunstâncias sociocomunicativas. Muitos resolveram se “anglicizar” enquanto uma considerável parcela decidiu lutar por seus direitos e por expressar sua “verdadeira” identidade.

Logo, podemos acreditar que haja um desejo, por parte de alguns hispano-falantes, de manifestar sua realidade mista, ou seja, manifestar a sua identidade híbrida. E o uso do *Spanglish* pode ser um dos meios de se alcançar estes objetivos:

*[...] yo insisto que los que hablamos Spanglish hemos revalorado la etiqueta con orgullo, porque constituye una aportación que refleja nuestra participación y membresía en dos mundos, y es una manera de hablar ENTRE NOSOTR@S más que nada, que sigue reglas gramaticales que prueban nuestras destrezas lingüísticas.* (LYNCH, *Ñ Clarín*, 2013, grifo nosso)

---

Através dos contatos entre pessoas, povos e culturas, as identidades vão-se interligando e se realinhando. Mediante o contato com diferentes línguas os indivíduos vão modificando suas identidades e, com isso, acabam produzindo “identidades mistas”.

O *Spanglish* seria, portanto, um dos resultados deste contato linguístico e cultural, resultando na formação de identidades híbridas, em que os costumes, a língua e a cultura, de modo geral, relacionam-se inextricavelmente:

*[...] el espanglish es solo una manera típica de comunicarse los bilingües entre sí y de **expresar su identidad dual, resultado de su pertenencia a dos idiomas y a dos culturas***, subraya. (REY, *El Tiempo*, 2012, grifo nosso)

Fernández-Ulloa (2004:72, tradução nossa) reforça que “[...] para seus falantes se converteu em algo mais que uma forma de falar já que representa de alguma maneira essa dupla identidade e cultura que lhes rodea, reforçando sua autonomia como indivíduos de una sociedade multiétnica”:

*A pesar de la discriminación que han sufrido los hispano-hablantes en este país, nuestro idioma sigue muy vivo aquí. Y las inevitables mutaciones que acompañan la diversidad y el sincretismo cultural no diluye, sino **augmenta nuestro sentido de identidad**. En Nueva York, los latinos preferimos ‘comprar una Metrocard para el subway’, ‘llevar los niños al daycare’ o arreglarnos el cabello en ‘el beauty’. **Entre todo esto, seguimos siendo fielmente latinos***. (ORGULLOSOS del Spanglish, *La Opinión*, 2012, grifo nosso)

Este fenômeno é visto como uma marca de identidade mista, em que as “duas” culturas são imbricadas e envolvidas indistintamente.

## Conclusão

Ao longo deste artigo, percebemos que as identidades linguísticas não são fixas e imutáveis, mas que se (re)constróem de acordo com as “necessidades” dos indivíduos. Vimos que não há um único conceito para o termo IDENTIDADE, o qual está associado, de uma forma geral, às características relacionadas ao indivíduo em sua relação consigo e com o outro. Além disso, por serem constituídas mediante as interações que o ser humano estabelece entre si e o outro, poderíamos crer que o mais lógico seria pensarmos em IDENTIDADES, plurais e diversificadas.

---

Pudemos constatar, também, que o fenômeno linguístico e cultural conhecido como *Spanglish* vem demonstrando, a cada dia, que não se trata apenas de uma “mistura de línguas”. Independentemente do que venha a ser considerado, o *Spanglish* tem sido utilizado, por muitos hispano-falantes, como um modo de manifestarem essa “identidade híbrida” que possuem.

Observamos que a situação dos hispano-falantes nos EUA não é fácil. Muitos chegam naquele território em busca de melhores condições de vida e acabam sendo pressionados a adaptar-se a “*American wayoflife*”. Logo, a ideia transmitida é que, se o hispano e/ou outro imigrante, de um modo geral, deseja “prosperar” nos Estados Unidos, deve “adequar-se” à nova “realidade”, apreendendo, com isso, a língua inglesa em detrimento de sua língua materna. Na verdade, não é apenas a língua que deve ser modificada, mas todo o “estilo de vida e/ou a cultura” do indivíduo.

Assim, é cada vez maior o número de hispano-falantes que buscam “dominar” a língua inglesa e que acabam, desse modo, “abrindo mão” do espanhol em seu cotidiano. No entanto, em meio a essa “aculturação” norte-americana, há um grupo de hispano-falantes que não aceita “dominar-se” pela língua e/ou cultura anglo-saxã, ainda que reconheça a importância da(s) mesma(s) em suas vidas. Esses hispanos, denominados chicanos, desejam expressar a dupla “realidade” em que estão inseridos. Reconhecem que estão em um lugar “intermediário”, e, por isso, buscam a aceitação de suas identidades mestiças. O *Spanglish*, portanto, ao ser considerado um híbrido linguístico, uma mistura das línguas e culturas “espanhola” e “inglesa”, tornou-se um símbolo de representatividade dessa “hibridez cultural”. Mediante o uso deste fenômeno, então, muitos hispanos nos EUA podem construir e reconstruir suas identidades culturais.

Como pudemos perceber, o *Spanglish* tem sido associado constantemente a uma forma de os hispano-falantes reconhecerem seu “pertencimento” a dois mundos diferentes. Através dele, o hispano-falante pode reconhecer sua(s) identidade(s) mestiça(s) e manifestar seu orgulho em pertencer a uma “população” que não é apenas “hispana”, mas que nunca será verdadeiramente norte-americana.

Assim, o *Spanglish* vem transmitindo características de uma “nova” comunidade: daqueles que, em meio ao contato com diferentes comunidades de fala, acabam por produzir uma peculiar maneira de falar, de expressar-se, de viver.

## REFERÊNCIAS

---

BAGNO, M.O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase.... In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (org.) *Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.355-387.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BETTI, S. Spanglish en los Estados Unidos: Apuntes sobre lengua, cultura e identidad. *CONFLUENZE, Rivista di Studi Iberoamericani*. Vol. 1, nº 2. Dipartimento de Lingui e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna: 2009. p. 101-121. ISSN: 2036-0967. Disponível em: Em: <http://confluenze.cib.unibo.it/article/view/1653/1026>. Acesso: 27/05/11.

FERNÁNDEZ-ULLOA, T. Espanglish y el cambio de códigos en el Valle de San Joaquín, California. In: *Symposium Proceedings. BilingLatiAm*, 2004. ESSARP, Buenos Aires: 2004. ISBN: 987-21341-0-3. p. 82-94. Disponível em: [http://www.csub.edu/~tfernandez\\_ulloa/spanglish.pdf](http://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/spanglish.pdf). Acesso: 21/10/12.

GARRIDO, J. El español en los Estados Unidos. In: PALACIOS, A. (coord.). *El Español en América: Contactos lingüísticos en Hispanoamérica*. Barcelona: Editorial Ariel Letras, 2008, p. 17-32.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.  
\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (ed.) *The handbook of language variation and change*. Second Edition. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013. p. 448-467.

LEMOGODEUC, J. C. et al. *América Hispánica en el siglo XX. Identidades, Culturas y Sociedades*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2002.

LYNCH, G. C. Te llamo pa'trás: el español que están creando los "hispanounidenses". *Ñ Clarín/ Revista de Cultura*, Argentina, 20 de octubre de 2013. Ideas. Disponível em: [clarin.com/ideas/llamo-patras-espanol-creando-hispanounidenses\\_0\\_1015698711.html](http://clarin.com/ideas/llamo-patras-espanol-creando-hispanounidenses_0_1015698711.html) Acesso: 12/12/13.

ORGULLOSOS del spanglish. *La Opinión*, Los Ángeles, 26 de junio de 2012. Edición Impresa. Disponível em: [http://www.laopinion.com/Orgullosos\\_del\\_spanglish](http://www.laopinion.com/Orgullosos_del_spanglish) Acesso: 10/12/13.

PITA, L. F. D. Spanglish: el español chicano de Aztlán. *Revista Virtual Hispanista*, 2000. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/revista/unipitaesp.htm> Acesso: 27/12/12.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

---

REY, G. H. El espanlsh da pasos de gigante en la Real Academia. *El Tiempo*, Colombia, 06 de agosto del 2012. Artículo. Disponível em: [http://www.eltiempo.com/cultura/libros/ARTICULO-WEB-NEW\\_NOTA\\_INTERIOR-12104804.html](http://www.eltiempo.com/cultura/libros/ARTICULO-WEB-NEW_NOTA_INTERIOR-12104804.html) Acesso: 06/12/13.

ROVIRA, L. C. A relação entre o idioma e a identidade. O uso do idioma materno como direito humano dos migrantes. In: SEMINÁRIO MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E DIREITOS HUMANOS. CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília – DF/Brasil: maio de 2008. p.1-13. Disponível em: [http://www.csem.org.br/2008/a\\_relacao\\_entre\\_idioma\\_e\\_identidade\\_lourdes\\_rovira.pdf](http://www.csem.org.br/2008/a_relacao_entre_idioma_e_identidade_lourdes_rovira.pdf) Acesso: 28/12/12

RYAN, C. Language Use in the United States: 2011. *U.S. Census Bureau*, U. S. Department of Commerce: Economics and Statistics Administration. August, 2013. Disponível em: <http://www.census.gov/hhes/socdemo/language/>. Acesso: 12/09/13.

SILVA-CORVALÁN, C. El español en Estados Unidos: perspectiva histórica. La situación del español en Estados Unidos. *Anuario del Instituto Cervantes 2000*. Madrid: Instituto Cervantes - Plaza & Janés Editores - Círculo de Lectores. Disponível em: [http://www.csub.edu/~tfernandez\\_ulloa/ESPANOLESTADOSUNIDOS.pdf](http://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/ESPANOLESTADOSUNIDOS.pdf) Acesso: 25/12/12.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

TORRES TORRES, A. Apuntes sobre la historia y el presente del español en los Estados Unidos. *Estudis Romànics*. Vol. XXVIII, 2006. p. 299-305. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/estudis/article/viewFile/223376/304180> Acesso: 25/12/12.  
\_\_\_\_\_. El español de América en los Estados Unidos. In: AZELA IZQUIERDO, M.; ENGUITA ENTRILLA, J. M. (coords.) *La lengua española en América: normas y usos actuales*. Universitat de Valencia, Valencia, 2010. p. 403-427. Disponível em: <http://www.uv.es/aleza/Cap.%209.%20EA%20Estados%20Unidos.pdf> Acesso: 02/12/12.

U. S. CENSUS BUREAU, STATISTICAL ABSTRACT OF THE UNITED STATES: 2012. *Population*. Páginas: 1-62. Disponível em: <http://www.census.gov/prod/2011pubs/12statab/pop.pdf> Acesso: 21/01/13.

VALLE, J. Política del lenguaje y geopolítica: España, la RAE y la población latina de Estados Unidos. In: SENZ, S.; ALBERTE, M. (eds.): *El dardo en la Academia. Esencia y vigencia de las academias de la lengua española*. Barcelona: Melusina, 2011. p.551-590.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.